A POESIA INFANTIL DE JOSÉ PAULO PAES

Mário Alex Rosa
UNIBH

Resumo

Neste artigo apresentamos algumas marcas da poesia infantil de José Paulo Paes, dando destaque para o humor e a constante solicitação do leitor para brincar com as palavras. São comentados alguns poemas chamando a atenção para os efeitos de sentido alcançados pelo poeta. Destaca-se também a reflexão realizada pelo poeto sobre o trabalho com o poema na sala de aula.

Palavras-chave: Poesia infantil – José Paulo Paes – ludismo.

Abstract:

This article presents some marks of children's poetry of José Paulo Paes, emphasizing the humor and constant request of the reader to play with words. Some poems are commented pointing the effects of the sense achieved by the poet. It can also be detached the reflection realized by the poet about the work with the poem in the classroom.

Keywords: Children's poetry, José Paulo Paes, ludism

No ano de 2008, em que se homenagearam dois grandes escritores, Machado de Assis – centenário de morte – e Guimarães Rosa – centenário de nascimento-, não poderia ficar de fora o poeta, ensaísta, tradutor (conhecedor de mais de dez línguas, traduzia porque queria entender o poema na língua portuguesa, embora não falasse nenhuma delas) José Paulo

Paes, ausente há dez anos. Discreto, Paes foi daqueles homens que se dedicou à cultura sem precisar chamar atenção para si mesmo. Mesmo tendo sido técnico em química, trabalhando em laboratórios e sem curso superior, nunca deixou de se dedicar à literatura. Muito pelo contrário, autodidata, mas muito disciplinado, construiu uma obra poética e teórica que merece ser revisitada sempre. Essa dedicação humanística acabou sendo reconhecida pela USP, que lhe deu merecidamente o título de *Notório Saber*. Assim José Paulo Paes pôde passar o seu conhecimento em oficinas, bancas e cursos de pós-graduação: um na Unicamp, sobre tradução de poesia, e outro sobre o Meta-romance, na faculdade de Letras - USP.

De todas as suas atividades literárias, quero chamar atenção para uma que a meu ver ainda precisa ser mais divulgada e apreciada – a sua poesia infantil. Acredito que seus poemas infantis estejam no mesmo nível dos textos de Vinícius de Moraes e Cecília Meireles, só para lembrar dois poetas importantes da história

da literatura infantil no Brasil. José Paulo Paes comenta que começou a escrever poemas infantis quando passeava de carro com seus sobrinhos. Entre um passeio e outro, foram nascendo frases inusitadas, como a que surgiu ao passarem em frente de um cemitério – perguntou para eles: - "sabem o que há aí dentro?" Como não sabiam, explicou: - "Uma plantação de defuntos". Esse humor nunca faltou na sua poesia, aliás, o poeta sempre soube que a boa poesia para criança deve ter o gracejo e a irreverência, sem ostentar, no entanto, moralismos, pois a criança. como ninguém sabe brincar e se divertir com o inusitado. Saber jogar (brincar) com as palavras é uma das matérias do poeta e da qual Paes soube construir sem cair no fácil. Como bem escreveu Johan Huizinga (1971, p. 177), "o elemento lúdico é de tal modo inerente à poesia, todas as formas de expressão poética estão de tal modo ligadas à estrutura do jogo, que é forçoso reconhecer entre ambos a existência de um laço indissolúvel". Afinal, a fantasia, o lúdico, o jogo e a brincadeira fazem parte da construção de qualquer pessoa e a poesia pode ser um sinal dessa possível contribuição. Na poesia, podemos brincar e ao mesmo tempo aprender os seus diversos significados. Para exemplificar isso, nada melhor do que um dos melhores poemas infantis da poesia infantil brasileira escrito por Paes e que está no seu livro *Poemas para brincar* (1990):

Convite

Poesia
É brincar com palavras
Como se brinca
Com bola, papagaio, pião.
Só que
Bola, papagaio, pião
De tanto brincar
Se gastam.

As palavras não:
Quanto mais se brinca
Com elas
Mais novas ficam.

Como a água do rio
Que é água sempre nova.

Como cada dia
Que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?
(*Poemas para brincar*, 2003)

A beleza desse convite é mostrar que se pode brincar de tudo um pouco, mas quando se brinca com as palavras, um universo se abre tanto para o aprendizado como para a sensibilidade, pois com elas podemos descobrir e imaginar mundos reais e fantasiosos. Assim, quando as crianças brincam com as palavras, aprendem a entendê-las sem que as descobertas sejam algo penoso. A vivência com a poesia certamente trará para os pequenos a descoberta do som das palavras, do uso dos trocadilhos, das palavras que se escondem dentro de outras palavras, além de mostrar que olhar para elas e para as sílabas é descobrir os seus segredos. Segredos que Paes mirando de pertinho as palavras constrói com maestria, por meio do efeito mágico de uma simples mudança de letras, revelando a sua elegância no trato da poesia, como se pode observar no poema abaixo do livro:

Letra mágica

Que pode fazer você
Para o elefante
Tão deselegante
Ficar elegante?
Ora, troque o **f** por **g**!

Mas se trocar, no rato,
O **r** por **g**,
Transforma-o você
(veja que perigo!)
No seu pior inimigo:
O gato.

(*Poemas para brincar*, 2003)

O efeito aqui está dado pela troca de letras, muito comum no universo infantil. Ludicamente nas mãos do poeta-menino fica a sugestão de como outras letras trocadas podem virar poema. Esta simplicidade em trocar apenas duas letras pode aparentar ingenuidade e facilidade de quem escreveu, mas na verdade o que se nota é uma forma muito bem construída. A "brincadeira" aqui é mostrar como se pode brincar com as palavras sem perder o efeito imagético delas, criando assim mais que "trocadilhos", mas colocando humor, gracejo, por exemplo, ao imaginar o que aconteceria com o rato se trocasse a letra R por G. De maneira lúdica, Paes traz para o universo da criança bichos que pertencem ao nosso imaginário, seja o elefante – tão comum nos circos – e que pelo seu tamanho e peso parece ser deselegante, e o gato e o rato, velhos conhecidos pelas suas rivalidades.

Esta atenção aos fonemas, trocando-os de posição pode ser vistos em outros momentos da obra do poeta, como em "S" o jogo que o poeta faz ao trocar as vogais A e O de posição levou a criar novas combinações que nos faz imaginar esse sapo pulando de forma meio atabalhoada. Demonstra também a preocupação de Paes em não ficar apenas sob o efeito sonoro dos fonemas, mas que a partir deles se pode construir belos poemas:

O sapo saltou na sopa
De um sujeito que, sem mais papo,
Deu-lhe um sopapo e gritou: - opa!
Não tomo sopa de sapo!

(Uma letra puxa a outra, 1992)

Um outro momento muito criativo de José Paulo Paes é "Engano", poema conciso, despretensioso, mas que consegue surpreender os adultos e os pequeninos pela graça do filhotinho de canguru solicitando a sua mamãe ao ver uma bolsa aberta (sugiro que leia em voz alta, como acho que deve ser lida toda poesia):

ENGANO

CANGURUZINHO MÍOPE
AO VER UMA BOLSA ABERTA:
"MAMÃE!"

(*Um passarinho me contou*, 2002)

Acredito que seja inevitável não soltarmos um riso ou mesmo uma gargalhada ao ouvirmos a voz do bichinho dizendo: "MAMÃE!". Esse engano é tão doce e tão inocente que a gente torce para que seja um engano verdadeiro. Paes sabe jogar com as palavras, letras, invertendo a lógica das frases, criando neologismos, pois é por meio desse encantamento que recria uma outra lógica, menos severa que a dos homens sem imaginação. Veja, por exemplo, no poema abaixo, o quanto de sugestões tanto para as crianças como para os adultos, José Paulo Paes, sem demagogia, nos ensina. Aliás, sugiro que leiam esse belíssimo poema lentamente e juntos com os seus filhos, sobretudo, nesses tempos de novas leis para a direção, pois assim poderão, quem sabe, lembrar para o que serve o automóvel:

Meu automóvel

Eu tenho um automóvel
Diferente
Que não assusta bicho
Nem atropela gente.

Um automóvel
Que espera na sua
Até a tartaruga
Atravessar a rua.

Um automóvel
Que não ganha corrida
Mas nunca fez ninguém
Perder a vida.

Um automóvel
Que durante a viagem
Sem pressa nenhuma
Admira a paisagem.

Um automóvel
Que não polui o ar.
Subam nele, crianças:
Vamos passear.

(*Lé com cré*, 2003)

Um poema como esse dispensa comentários mais analíticos, é preciso apenas saber lê-lo sem pressa e cada leitor poderá tirar as suas próprias conclusões sobre essa nossa época em que tudo parece efêmero, inclusive o tempo. Mas enquanto houver poetas como Paes valerá a pena levar seus livros de poemas para passear de carro, de ônibus ou a pé. O convite está feito.

A poesia infantil de José Paulo Paes faz parte de um projeto que deu continuidade à produção de Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Sidónio Muralha. O poeta revela esse projeto em um livro publicado em 1996, denominado *Poesia para criança* – um depoimento. Nele critica a experiência que teve com a poesia na infância e traz algumas sugestões sobre o trabalho com o poema:

> Embora eu nunca tenha sido professor, acho que transformar a leitura de poemas em pretexto para tarefas escolares como, por exemplo, responder a questionários, destrói o prazer de ler. Parece-me mais producente possibilitar às crianças lê-los livremente, sem interferência do professor, a não ser para esclarecer dúvidas que, por iniciativa própria, elas peçam para ser esclarecidas. Tudo quanto competiria ao professor seria certificar-se de que os alunos leram de fato o texto que lhes propôs ou que eles próprios escolheram. (p. 29)

A citação é por si só, ilustrativa do ponto de vista do poeta, marcado pela defesa da liberdade do leitor e do desatrelamento da poesia de qualquer propósito pedagogizante. Nesta mesma obra Paes sugere brincadeiras com palavras, criando verbetes, "nos quais, mais uma vez, o paradoxo é explorado com fins lúdicos e humorísticos" (p. 30), como faz em seu livro *Poemas para brincar*. Vejamos dois exemplos:

> **aulas:** período de interrupção das férias
> ou
> **rei**: cara que ganhou a coroa.

O poeta, que começou a escrever para crianças quando tinha já uma obra consolidada e reconhecida pela crítica, tem consciência das dificuldades de sua empreitada:

> (...) acho que escrever para crianças é uma tarefa muito importante e muito difícil. Mais difícil talvez do que escrever para adultos, devido às limitações de vocabulário e de referências que necessariamente impõe. Em compensação, a satisfação que proporciona ao escritor também é maior. Como ele passa a ser lido por um público bem mais numeroso, é-lhe dada a oportunidade de cumprir com maior eficácia sua missão profissional e social. (p. 33)

Enfim, este mesmo poeta de grande sensibilidade para o público infantil é o mesmo que escreveu livros adultos como *Epigramas* (1958), *Anatomias* (1967) *Meia palavra* (1973), *A poesia está morta mas juro que não foi eu* (1988), entre outros, nos quais já se encontram (encontravam?) a condensação na forma, o humor, a ironia, mas todos com uma precisão cirúrgica de quem sabia que com a linguagem poética deve se brincar de forma séria, por isso e por toda a sua trajetória de homem da cultura Paes tratou a arte para os pequeninos com o mesmo rigor dos seus outros

afazeres. Pensando assim, a sua poesia infantil é de alguma maneira resultado da concisão que estava naqueles livros anteriores. O que nos leva a crer que entre um gênero e outro a poesia nas mãos de José Paulo Paes ganhou uma integridade que a torna uma das mais importantes da história da poesia contemporânea brasileira.

Referências

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens* – o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. Trad. João Paulo Monteiro.

PAES, José Paulo. *Lé com cré*. São Paulo: Editora Ática, 2003

_____. *Uma letra puxa a outra*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1992.

_____. *Um passarinho me contou*. São Paulo: Editora Ática, 2002

_____. *Poemas para brincar*. São Paulo: Editora Ática, 2003

_____. *Olha o bicho*. São Paulo: Editora Ática, 2000

_____. *Poesia completa*. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2008

_____. *Poesia para criança* – um depoimento. São Paulo: Editora Giordano, 1996